



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

A CORPOREIDADE DE ALUNAS SURDAS: REFLEXÕES SOBRE SUAS POSSIBILIDADES

Jaqueline Reni Loss de Mesquita
Carla dos Reis Rezer

RESUMO

Este estudo buscou analisar como se manifesta a corporeidade do aluno surdo nas aulas de educação física. Também procurou-se identificar como se estabelece a relação corporal entre os sujeitos surdos e os ouvintes e compreender como é explorada a corporeidade dos destes sujeitos nas aulas de Educação Física. A amostra foi selecionada de forma intencional, devido à necessidade das características de surdez, sendo composta por quatro alunas surdas com idade entre 17 e 20 anos, do gênero feminino e os alunos ouvintes das respectivas turmas. A pesquisa foi desenvolvida através do Grupo Focal, com a possibilidade de qualificar e descrever as opiniões sobre corpo. As considerações finais trazem elementos para uma reflexão sobre a corporeidade dos sujeitos surdos, que se afastam de determinados contextos, deixando de experienciar possibilidades infinitas de movimento corporal. No entanto, observa-se a importância das experiências e trocas desses sujeitos com os contextos onde está inserido, de forma a auxiliar na elaboração da sua corporeidade.

Palavras-chave: Educação Física. Corporeidade. Surdez

ABSTRACT

This study investigates how it manifests itself corporeality of deaf students in physical education classes. It also sought to identify how the relationship is established between the body and deaf subjects hearing and understand how exploited corporeality of these subjects in physical education classes. The sample was intentionally selected because of the need of the characteristics of deafness, consisting of four deaf students aged between 17 and 20 years, female students and listeners of the respective classes. The research was conducted by the Focus Group, with the ability to qualify and describe opinions about the body. The final considerations bring elements for a reflection on the corporeality of deaf subjects, who turn away from certain contexts, leaving to experience the infinite possibilities of body movement. However, there is the importance of these experiences and exchanges subject to the contexts where it is inserted in order to assist in the preparation of their corporeality.

Keywords: Physical Education. Corporeality. Deafnes.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

RESUMEN

Este estudio investiga cómo se manifiesta la personificación de los alumnos sordos en las clases de educación física. Asimismo, se buscó identificar cómo la relación se establece entre el cuerpo y la audiencia sorda y entender cómo aprovechar la personificación de estos temas en las clases de educación física. La muestra fue seleccionada intencionalmente debido a la necesidad de las características de la sordera, que consta de cuatro estudiantes sordos de edades comprendidas entre 17 y 20 años, estudiantes de las mujeres y los oyentes de las respectivas clases. La investigación fue realizada por el Grupo Focus, con la capacidad para calificar y describir opiniones sobre el cuerpo. Las consideraciones finales aportan elementos para una reflexión sobre la personificación de las personas sordas, que se apartan de ciertos contextos, dejando de experimentar las infinitas posibilidades de movimiento del cuerpo. Sin embargo, existe la importancia de estas experiencias e intercambios sujetos a los contextos en los que se insertan a fin de ayudar en la preparación de su corporeidad.

Palabras claves: Educación Física. Encarnación. Sordera

INTRODUÇÃO

Este trabalho propôs-se a analisar como se manifesta a corporeidade do aluno surdo nas aulas de educação física. Diante deste objetivo norteador foram elencados os objetivos específicos: identificar como se estabelece a relação corporal entre os sujeitos surdos e os ouvintes nas aulas de Educação Física; compreender como é explorada a corporeidade dos sujeitos surdos nas aulas de Educação Física.

Assim ao pensar a escola e a Educação Física, que se (re) organizou de várias formas até chegar ao modelo de escola que é hoje, pode-se afirmar que a mesma foi criada numa sintonia, com uma ordem social. De acordo com esta ordem, os sujeitos deviam e devem ser saudáveis, educados, organizados e disciplinados. A Educação Física, responsável institucionalmente pela educação do corpo, cumpre um papel de evidência como o disciplinamento, adestramento, controle e normatização. Em referência ao elemento de dominação dos corpos; principalmente se levarmos em conta o processo de construção histórica da disciplina no Brasil e seus vínculos, por exemplo, com a instituição militar e a medicina. Esse “modo de ser” da disciplina, uma construção histórica com suas particularidades, transforma-se numa espécie de “herança cultural” que impregna a formação e continua presente na prática pedagógica do professor, mesmo de forma inconsciente, colaborando para a homogeneização supõe-se que haja uma ordem onde os sujeitos devam ser uniformizados seguindo padrões de normalidade padronizada por uma maioria.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Esta ideia faz com reflitamos sobre os sujeitos normais e anormais¹ dentro desta suposta manutenção da ordem válida para todos. A partir de tais considerações questionam-se quais são os dispositivos que contribuem para esta normalização dos corpos nos espaços escolares. Para Silva (2001, p.12), a norma se dá como um “princípio de comparação, de comparabilidade, uma medida comum, que se institui na referência de um grupo a si próprio, a partir do momento em que só se relaciona consigo mesmo, sem exterioridade, sem verticalidade”. A norma atua no campo individual e ao mesmo tempo remete ao conjunto de indivíduos para que sejam comparados uns aos outros num processo de identificação e classificação.

Assim todos os que não se identificam em determina classe são vistos com estranhamento e anormais, sendo deixados a margem, com seus estranhamentos. Veiga Neto (2001,p.107), salienta que os rótulos de anormalidades, vêm sendo procurados ao longo da Modernidade, em cada corpo para que, depois, se atribua um lugar nas grades dos desvios, das patologias, das deficiências, das qualidades, das altas habilidades, das virtudes e dos vícios.

Em geral, as práticas escolares reproduzem as práticas sociais e podemos citar como exemplo dessa reprodução o tratamento desigual dado aos alunos nas aulas de Educação Física: discriminações em relação ao corpo masculino e feminino, separação dos meninos e das meninas, corpo forte e corpo frágil, corpo ideal e corpo incompleto.

Com os novos paradigmas da Educação, que enfocam a formação de alunos críticos, participativos, com responsabilidades sociais, e referendadas pela lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Brasileira, a Educação Física também está passando por um processo de transformações e avanços. Alguns autores ressaltam que esse processo ainda merece um olhar crítico e contínuo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao falar em Educação Física tem-se como entendimento que ela está associada ao contexto do processo educacional, dessa forma Santin (apud PALMA, 2004, p. 73) coloca que:

Falar em educação física significa referir-se às atividades pedagógicas, às instituições escolares e a o processo de ensino-aprendizagem. Portanto, parece óbvio que a educação física pertence à categoria das ações que põem em ação meios e técnicas apropriadas para a formação e o desenvolvimento do ser humano. O adjetivo físico define sua especificidade. Portanto, seria a ação educativa que tem como objeto de suas práticas os aspectos corpóreos do ser humano.

Então, pode-se entender Educação Física como prática pedagógica e educativa que se relaciona com a corporeidade e com o movimento, implicando uma atuação e ação intencional sobre o homem, como ser corpóreo e motriz, e que pela prática do jogo, da ginástica, da dança, do

¹ A palavra ‘anormal’ é utilizada tendo como referência Michel Foucault, tal como utilizado por Veiga-Neto (2001) quando se refere aos anormais para designar os síndromicos, deficientes, monstros e psicopatas (em suas variadas tipologias), os surdos, cegos, os aleijados, rebeldes, os estranhos, GLS, os “outros”...

esporte manifesta-se e transforma-se numa relação de reciprocidade.

Significa também entender a Educação Física em sua relação com o processo das práticas humanas, correspondendo às diferentes formas do homem apropriar-se do mundo, das relações sociais, e nelas está incluído o movimentar-se humano, através das diferentes manifestações e práticas corporais desenvolvidas também pela Educação Física.

Para Bracht (1997, p. 74), “nesta perspectiva o ‘movimenta-se’ é entendido como uma forma de comunicação com o mundo que é constituinte e construtora de cultura, mas também possibilitada por ela [...] o que qualifica o movimento humano é o sentido/significado do mover-se [...]”.

A Educação Física reúne as funções e dimensões da educação, pelo fato de trabalhar o movimento em seu sentido mais amplo e corpóreo, que é o significado. Trabalhar o movimentar-se será meio de formação e que se manifesta num determinado contexto sociocultural. Cabe então a ela o desenvolvimento das aprendizagens relacionadas ao movimentarem-se, às práticas corporais que envolvem cultura corporal de movimento e conseqüentemente ao desenvolvimento de capacidades e competências no pensar e agir sobre e em torno dos diferentes conteúdos mediados na prática pedagógica.

Através da escola e das aulas de Educação Física,

[...] verifica-se um dos importantes espaços de transição e mediação entre a vida privada e a vida pública, entre a individualidade e a coletividade, entre velho e o novo. [...] a educação física tem sido considerada com contexto brasileiro, [...] como uma prática sociocultural importante para o processo de construção da cidadania dos indivíduos. [...] a educação física, enquanto disciplina curricular de socialização da cultura corporal reúne um rico patrimônio cultural tanto de dimensão universal (esportes e ginásticas institucionalizadas, etc.), quanto particular (jogo e brincadeiras populares, esportes locais, etc.) (PALMA, 2004, p. 76).

Para Palma (2004), os alunos devem ser estimulados a refletir sobre os diferentes sentidos e significados trocados e repassados historicamente e determinantes da cultura corporal, bem como experienciar as diferentes atividades da cultura corporal. Essas relações deverão estar continuamente presentes na prática da Educação Física, pois são evidentes pela diversidade humana, e em aula se têm presentes alunos diferentes, seja pelo aspecto físico, limitação sócia afetiva, seja pela dificuldade motora e cognitiva apresentadas, e que, ao considerar o processo histórico, são atribuídos preconceitos, rotulações e estigmas, vistos e perpassados culturalmente pela sociedade.

As questões da construção da identidade e cidadania do surdo envolvem o reconhecimento de seu modo de vida, de sua visão do mundo, bem como das situações sociolinguísticas específicas vividas por esta comunidade. Trabalhar com essa diferença significa entender o surdo como uma pessoa que possui língua diferente, uma língua materna que não é a língua portuguesa significa conhecer a sua língua, LIBRAS, usá-la e oportunizar a ele a aquisição de conhecimento nas duas línguas (primeiro na sua e depois na língua portuguesa) de forma sistemática, continuada, dialógica, para que verdadeiramente ele possa construir sua identidade e exercer o direito da cidadania.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Sendo assim, na EF, no papel do professor, ao eleger conteúdos de ensino (esporte, dança, jogo, brincadeiras, ginástica) para a população específica, estes deverão levar em consideração as necessidades, expectativas o nível de desenvolvimento e compreensão, assim como as possibilidades apresentadas pelas limitações e realidades sociais dos alunos.

É de entendimento dos profissionais da área a necessidade da adequação dos conhecimentos, elaborando estratégias de intervenção, interação e atuação para alcançar a efetividade da inclusão.

Para Oliveira (2002, p.8), “o papel da educação física dentro de uma Educação Inclusiva nos faz entender que é possível, mas é preciso querer e estar disposto a modificar a concepção da sociedade e a nossa própria forma de ver o mundo”. Para a Educação Física é necessário criar e propiciar formas de aprendizado, oportunizando o desenvolvimento de todos, através das práticas de seus conteúdos, transformando e colaborando para um ensino de qualidade em que todos possam estar inseridos, integrados e incluídos.

Os ouvintes (não surdos) têm dificuldade de identificar e admitir a existência de uma “cultura surda”. Essa cultura é multifacetada, mas apresenta características. Ela é visual, ela se traduz de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes. Elas são de outra ordem, uma ordem com base visual e por isso têm características que podem ser ininteligíveis aos ouvintes (FCEE, 2004, p. 13/17).

Falar sobre surdez nos dias atuais e sobre as relações de poderes e saberes que envolvem este campo ficaram de certa maneira mais tranquilos, pois nos últimos 20 anos no Brasil inúmeras conquistas aconteceram para a comunidade surda. Avaliar algumas interfaces da comunidade surda e da sociedade atual, numa perspectiva sociológica, também é possível porque se avançou muito no Brasil, especialmente nesses últimos anos, em relação às conquistas dessas comunidades, no seu reconhecimento político enquanto diferença. Conseguem com suas lutas interferir nos discursos oficiais e governamentais, o que representa alguma mudança. Mas essas não estão garantidas e permanentes, pois nada se garante na sociedade moderna e disciplinar.

Vendo o corpo em contato com outras pessoas, utiliza-se de comunicação variada e corpórea como gestos, atitudes, mímicas, olhares, comunicações esta corporais. Então, os movimentos corporais não são simplesmente mecânicos e sim impregnados de intencionalidades e expressividades que nos remetem à interioridade do sujeito.

Por estar sempre em construção e transformação, “advindas” das experiências que cada um vivencia, dificilmente o corpo chega a ser conhecido de modo total. Os corpos são indissociáveis do contexto em que estão inseridos. Por não estarem prontos, necessitam (re)construir nas experiências, nas relações com outros corpos, chegando à subjetividade própria do ser humano.

A corporeidade é um tema ousado pelo fato de que é a manifestação do ser humano, enquanto corpo sujeito; é, portanto, uma manifestação singular e de constantes modificações. A unidade corpórea é descoberta desde a mais tenra idade. Ao constituirmos nossa imagem ao mesmo tempo construímos a percepção do outro diferente.

As relações como andar, chorar, falar, dormir são experiências que se vive em relação ao corpo dos outros. Segundo Aranha (2003), ao falar-se de corpo torna-se imperativo falar de espaço, tempo e subjetividade. Nas relações com o outro, com o mundo e o corpo consigo mesmo.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

As mudanças pelas quais passamos se ressignificam, e somos ressignificados num constante elo que unifica as transformações e aponta a sua direção. Nesse processo de construção de nossa concepção de homem corpóreo no mundo, configura-se a relação do “eu” com o mundo, numa continuidade da busca de novas ideias e possibilidades.

As formas de o homem lidar com sua corporeidade e o controle do comportamento corporal não são constantes e nem universais, mas uma construção social que resulta de um processo histórico direcionando o pensar, sentir e agir.

Para Gonçalves (1994), cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos, que estão na base da vida social.

Corporeidade e imagem são construções humanas edificadas na rede de relações que o indivíduo estabelece com o mundo real e imaginário. Trata-se da comunicação entre corpo e alma, estando presente em toda a história do conhecimento.

A corporeidade é a unidade na pluralidade de formas, ou seja, na pluralidade de números e diversos corpos existencializados. Deste modo existe como potencialidade na percepção, na ética, na estética, enfim como criação autopoética permanente. A corporeidade como unidade por si, como forma completa é assim designada: para que o corpo seja e possa ser animado pela alma como por sua forma, é preciso que já esteja formado, isto é, atuado e constituído como tal por uma forma de corporeidade distinta ex-natura rei da própria alma e, bem entendido, do corpo, (MURALT apud NÓBREGA 1999, p. 225).

Neste momento, em que se fala do corpo sujeito, é importante lembrar-se do corpo enquanto superação e construção corpórea em suas possibilidades e adaptações na vida diária. Assim, corporeidade envolve todas as possibilidades corpóreas para tais superações da maneira simples a mais complexa; a corporeidade, luz do pensamento complexo, permite compreender o ser humano.

A corporeidade constitui-se das dimensões: física (estrutura orgânico-biofísica-motora organizadora de todas as dimensões humanas), emocional-afetiva (instinto-pulsão-afeto), mental-espiritual (cognição, razão, pensamento, idéia, consciência) e a sócio-histórica-cultural (valores, hábitos, costumes, sentidos, significados, símbolos). Todas essas dimensões estão indissociadas na totalidade do ser humano, constituindo sua corporeidade (BASTOS, 2006, p. 266).

É preciso apresentar propostas reflexivas, como prática pedagógica, de ordem e desordem durante atividade para que todos possam passar por novas experiências emocionais, conflitos, soluções, inovação, entre tantas possibilidades corpóreas. A construção de novos conceitos passa pela desordem e reorganização de atividades, conteúdos e do movimento humano por assim dizer. É necessário também entender que desordem e ordem se coproduzem como acentua Morin (apud BASTOS e BRITO, 2004).



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

TRAJETORIA METODOLÓGICA

Para este estudo, definiu-se como população alunos surdos e ouvintes do ensino médio da rede estadual de ensino do município de Chapecó/SC. A amostra caracterizou-se como intencional, devido à necessidade das características de surdez, definida em quatro alunas surdas com idade entre 17 e 20 anos, do gênero feminino, e os alunos ouvintes integrantes das turmas das mesmas. A pesquisa foi desenvolvida através do *Grupo Focal (GF)*, como uma estratégia de coletar dados de forma qualitativa, que foram posteriormente descritos e discutidos. Segundo Charlesworth e Rodwell (apud MARTINS et al, 2001), o GF é utilizado em delineamento de pesquisas que consideram a visão dos participantes em relação a uma experiência ou evento. Busca-se obter a compreensão de seus participantes em relação a algum tema, através de suas próprias palavras e comportamentos. Fizeram parte do grupo focal apenas as alunas surdas. Como instrumentos de coleta de dados além do grupo focal foi utilizada também observações das aulas de EF. Foram realizadas três observações, seguindo uma pauta em que fossem observados alunos surdos e ouvintes, e suas relações.

Uma vez conduzido o grupo, o material obtido foi transcrito com tópicos específicos: corpo, relações corporais e relações com o corpo ouvinte.

AS INTERFACES ENTRE CORPO / MOVIMENTO / SURDEZ

Aqui apresentamos caminhos percorridos durante a pesquisa, que surgiram das falas presentes no grupo, com o intuito de organizar os encontros e discutir o tema “corporeidade”. Sendo solicitado inicialmente para que falassem sobre as relações com outras pessoas do seu dia-a-dia, seja nos ambientes escolar, social e familiar.

Quanto ao ambiente familiar o relato de uma das alunas, marca a não aceitação da surdez e a busca pela cura do corpo doente/deficiente.

“Eu pequena mãe trocar médico, procurar, procurar buscar fono, trabalho intenso para eu falar oral. Depois mais ou menos 12 anos parar trabalho fono. Hoje eu oralizar mas família não conhecer libras. Eles conversar, rir, parecer feliz. Eu querer participar não conseguir eles falar muito rápido eu ficar sentada olhando. Sinto em casa eu só,sozinha ninguém me diz nada.”(aluna 2)

Observa-se o isolamento no grupo em que está integrada enquanto, membro da família. Ficando claro que não consegue participar dessa estrutura por faltar comunicação entre as partes. A família na busca pela cura do corpo deficiente através de reabilitação, não havendo possibilidade de “troca” o corpo considerado “doente”. A família limita-se a língua oral, sem utilizar a língua de sinais para comunicar-se com a filha que é surda.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

O corpo considerado “normal”, por ser ouvinte, nesta situação apresenta-se limitado e torna-se neste momento de interação corpo deficiente, por não conseguir se comunicar com o corpo surdo de forma mais intensa.

Aqui nos remetemos a pensamentos expressos em que as alunas mostram-se distantes dos ouvintes pela falta da comunicação restrita a língua, não conseguindo manter uma comunicação mais direta em relação aos seus corpos, seja na família ou no ambiente escolar. Apresentam então, dúvidas quanto ao desenvolvimento pelo qual seus corpos passaram e que elas não conseguiram explicar. Sentem que algo mudou em relação ao seu corpo e suas atitudes devem ser diferentes, mas não sabem explicar a importância destas mudanças que a família e mesmo a sociedade lhes impõem. Uma das mudanças associadas ao desenvolvimento é a menarca. Este momento fez parte de suas vidas, mas não há uma explicação que dê um significado mais claro sobre o porquê; como; cuidados... Então mais uma vez fica claro que a diferença de comunicação é ponto importante para compreender e entender informações, conceitos repassados pela família e pela sociedade.

Ao considerar esta mudança da fase infantil para adolescência como importante para o corpo feminino, como neste momento de suas vidas elas conseguiram elaborar sua construção de corpo-mulher? Corpo este que a cada transformação e elaboração de novos conceitos será estrutura significativa na corporeidade. Ao não terem com quem conversar que as explicasse e (re)significasse a importância da menarca para os corpos femininos, pode-se mostrar a falta de comunicação como fator indispensável à construção e à elaboração corpórea.

Aqui é importante dar uma pausa para colocar que as adolescentes ouvintes diferentemente das adolescentes surdas se afastam por um período das famílias, e muitas não têm informação direta sobre a menarca e as mudanças corporais pelas quais vão passando. Porém, indiretamente recebem informações através dos meios de comunicação e conversas informais pistas que lhes deem orientação sobre estes assuntos.

No caso das alunas desta pesquisa, elas apresentam a dificuldade de comunicação com a família, agravando-se na escola e em outras situações de vida diárias por não conseguirem ouvir. Sendo assim, elas não têm a informação nem direta nem indiretamente, interferindo na sua construção corpórea neste período de suas vidas.

As alunas apresentaram em suas falas certa instabilidade emocional pela qual vivem sem conseguir explicar o porquê se sentem nervosas ou tristes. Sabem que em alguns momentos têm esta gama de sentimentos e conflitos emocionais, mas não sabem lidar com eles por não terem com quem discutir “se fecham em silêncio”, limitando-se a um projeto de corpo que copiam do ouvinte, entretanto não podemos negar que há uma construção corporal individual baseada em suas próprias experiências, referências e subjetividades.

As experiências corporais destas alunas ficam limitadas pela língua utilizada, porém a construção deveria ir além havendo uma linguagem de movimento que deveria ser mais explorada. A falta desta construção através das infinitas possibilidades do movimento corporal revela que as alunas não veem o corpo como unidade que experimenta a vida, que formula conceitos, que leva à corporeidade, que se dá na intensa participação do corpo pelo movimento e comunicação; e que esta comunicação através da linguagem articula os sentidos, e o sentido diz respeito ao homem

como uma totalidade.

Outra questão da diversidade corporal, numa perspectiva mais ampla, foi da diferença enquanto característica humana, diferenças essas que se apresentaram pela diversidade corporal que envolve todos os corpos, independente de suas condições, e a comunicação em relação à língua falada. Sendo colocadas as diferenças como sendo próprias de cada ser humano, sejam elas: pela raça, condição social, credo e outros.

“Percebo jeito pessoas não podem preconceito pobre, surdo, todos mundo diferente. Surdo, ouvinte todos problema ter.” (aluna 1)

“Corpos iguais, diferenças ouvido surdo e língua de sinais.

Percebo diferença do jeito das pessoas, pensar, sentir, comunicação.” (aluna 3)

A diferença/singularidade dos corpos está na ideia de “elaboração” da subjetividade, é troca, relação e construção dos corpos na sua mais ampla dimensão. As diferenças constituem um grande desafio nas relações interpessoais. Relações que passam pelo corpo e dialogam com a realidade corporalizada e com a imagem corporal, a consciência de si, que se corporaliza na existência subjetiva de cada ser humano (PORTO, 2005).

Ao falar das comunicações nos grupos sociais as alunas mencionaram a dificuldade de se comunicarem com os ouvintes na vida adulta. Houve unanimidade em afirmarem que quando crianças era mais fácil, durante as brincadeiras utilizavam vários sinais, sinais caseiros, apontavam, desenhavam. Para Silva (2001), o movimento corporal é baseado na estrutura fisiológica, os aspectos comunicativos deste comportamento são padronizados pela experiência social e cultural. O significado de tal comportamento não é tão simples que possa ser colocado num glossário de gestos. A linguagem corporal é uma forma de expressar através do corpo emoções, sentimentos, reações e por meio disto transmitir mensagens.

Também Porto (2005) coloca: “Os movimentos viabilizam todas as ações do ser humano na sua relação com o mundo, como também as relações interpessoais acontecem pelo movimento como falar, o sorrir, o chorar, o abraçar, o lutar, o brigar, o dialogar, o respeitar, entre outras (PORTO, 2005, p. 114)”.

Nas opiniões das alunas, ficaram evidentes suas dificuldades na fase adulta, em que há certo distanciamento dos ouvintes. Relatam que muitos ouvintes mesmo em contato diário não se interessam em conhecer os surdos, seus costumes e possibilidades de comunicação. Muitos apenas passam diariamente por elas “acenam a cabeça” e em algumas situações dão “oi” em língua de sinais, não indo além.

O corpo, em contato com outros corpos, utiliza-se de comunicação variada e corpórea, como gestos, atitudes, mímicas, olhares, comunicações corporais. Então, os movimentos corporais não são simplesmente mecânicos e sim impregnados de intencionalidades e expressividades que nos remetem à interioridade do sujeito.

Pode-se pensar nos corpos traduzindo características sensíveis, biológicas, sociais, culturais.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Estas e outras possibilidades são o que diferencia os seres humanos de outros seres vivos.

“Eu já sei ele não me conhece já acostumar.” (aluna 2)

Esta fala apresenta “certa” comodidade por parte da aluna surda em aceitar a realidade construída socialmente em relação ao surdo diferente do ouvinte. Na citação, veem-se questões da construção da identidade e cidadania do surdo que deverá envolver o reconhecimento de sua visão do mundo, bem como das situações sociolinguísticas específicas vividas por esta comunidade. Também se observa a dificuldade que os ouvintes têm de reconhecer os surdos enquanto sujeitos de uma cultura própria, de uma cultura que se organiza de forma visual e se traduz da mesma forma. É claro que a corporeidade não se dará só na comunicação, mas esta é parte da constituição corporal e auxiliará nas trocas com outros indivíduos.

A discussão entre os membros do grupo possibilitou identificar como elas veem o movimento humano. Qual opinião sobre a contribuição da educação física, enquanto disciplina escolar na constituição de sua corporeidade.

Durante as observações realizadas nas aulas de Educação Física, pautada nas formas de relacionamento entre os alunos surdos e ouvintes percebe-se como eles jogavam, se as alunas se inseriram nos times e participavam das jogadas que ocorreram. A comunicação era através de gestos, sorrisos, movimento de negação. Em nenhum momento foi utilizada a língua de sinais pelos alunos e professor ouvintes. Ao explicar algo para as alunas surdas, eles (alunos ouvintes /professor) demonstravam.

Em relação ao movimento humano suas opiniões são senso comum, veem o movimento humano como bom para a saúde do corpo; fortalecer; bom para o sangue; consideram importante alongar. As relações com os ouvintes ficaram em pequenos cumprimentos e a cópia de algumas situações de movimento.

“Algumas vezes os ouvintes vão fazendo e nós vamos imitando os movimentos.” (aluna 3)

“Não tem explicação dos conteúdos. (aluna 2)

Nos relatos e observações identifica-se uma metodologia ainda norteada pela cópia de movimentos do corpo do outro, que visam exclusivamente o desenvolvimento do aspecto físico do aluno e corpos que se movimentam por ser aptos, aparentemente saudável, dotado de talentos. Buscando no referencial teórico, revemos a importância da Educação Física e sua necessidade em criar e propiciar formas de aprendizado, oportunizando o desenvolvimento de todos através das práticas de seus conteúdos, transformando e colaborando para um ensino de qualidade em que todos possam estar inseridos, integrados e incluídos.

Às relações pessoais somam-se as experiências que vivem em relação ao corpo dos outros. Segundo Aranha (2003,) ao falarmos de corpo torna-se imperativo falar de espaço, tempo e subjetividade. Nesta colocação, vemos a relação corpórea consigo mesma num momento de prazer. Pois já se sabe que a corporeidade se dá nas relações com o outro, com o mundo e com o próprio



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

corpo.

ARTICULAÇÕES FINAIS

Para que haja mudanças, precisamos trabalhar novos valores e conceitos junto às comunidades surdas e ouvintes para que mudem os olhares e estes sejam reavaliados na busca do trabalho com a diversidade.

Sabe-se que os grupos surdos, mesmo isolados em guetos, mantiveram suas articulações, sua cultura. Apresentam como característica o ativismo social que lutou contra estes estereótipos audistas². Estas lutas reportam aos dias de hoje através das políticas de inclusão, da legalização e reconhecimento da língua - LIBRAS.

Quando se fala que alguém é surdo, buscam-se significados construídos socialmente para entender como estes sujeitos se apresentam para as outras pessoas. Infelizmente, a história construiu corpos surdos, com poucas chances de desenvolvimento e de empregabilidade, e intelectualmente limitados, em alguns casos considerados preguiçosos. Essa visão está enraizada nos grupos sociais por ser uma construção cultural.

Constatam-se junto ao grupo de alunas o conceito de dualidade dos corpos e a concepção de corpo esteticamente ideal/perfeito/bonito. Tratando do corpo estético, o “corpo está” para a sociedade como objeto de consumo, e quem apresenta um corpo dentro dos padrões estabelecido socialmente tem em seu corpo uma, entre tantas formas de ascensão social, aqui se coloca ascensão no fato de a pessoa através do corpo estético e não deficiente ter melhor aceitação social.

Esta linha de conceito perpassa as sociedades e faz parte do dia-a-dia da sociedade enquanto um todo, e não apenas da comunidade surda. A noção do corpo como uma construção ou fonte de consumo se inscreve no dia-a-dia das alunas, que se apropriam destes conceitos impostos pela mídia, assim como outras adolescentes de sua época.

A troca “*ser* corpo” pelo “*estar* corpo”³ compromete a noção de identidade e subjetividade para pertencer e ser aceito em determinado grupo social. Nesta fase em que as alunas se encontravam, o pertencer ao grupo social é considerado importante; assim, a mídia auxilia no *estar* corpo pela imitação do outro.

Outros dados apresentados pelas alunas mostram que as concepções estão, em sua maioria, relacionadas ao que se identificou como “corpo diferente” enquanto característica humana e não vem a surdez como deficiência. Esta concepção oferece possibilidades de olhar para o corpo com surdez e ver as capacidades da pessoa que é este corpo.

A língua através da palavra (falada ou sinalizada) serve de ligação dos sentimentos ao mundo, revela a subjetividade, uma forma de o homem ser e relacionar-se com o mundo. Seguindo estas ideias, pode-se dizer que as alunas surdas desta pesquisa estão com dificuldades de uma

² Audista - refere-se a ouvintes que querem colonizar as comunidades surdas, desrespeitando sua cultura e buscando a cura dos corpos surdos por considerá-los doentes.

³ “*ser* corpo” pelo “*estar* corpo” : “*ser* corpo” viver toda a sua plenitude e sua singularidade construídas em suas experiências; “*estar* corpo” viver em função de um modelo único imposto pelo social, imagem construída para o outro.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

elaboração corpórea mais ampla por falta de comunicação.

Sendo assim, sente-se a necessidade de repensar o corpo enquanto corporeidade, buscando caminhos para uma construção pela compreensão do corpo que tenha como objetivo, superar esta realidade, que pensa como instrumento, máquina e mercadoria estética de aceitação social.

Este repensar o corpo, reporta-nos às aulas de Educação Física que deveriam trabalhar com este em sua totalidade de movimentos, construção e reconstrução de situações. Porém, ao observarmos as alunas, vê-se a não participação efetiva nas aulas; se elas não participam de forma efetiva, como poderão explorar todas as possibilidades de movimento, ressignificando o movimento para o “se-movimentar”. O se-movimentar considera o ser como o ponto central da manifestação de movimento. Se as adolescentes fazem os movimentos pela cópia, como poderão entender a diferença que há em cada sujeito? Como poderão entender que não há um modelo considerado certo de corpo? Enquanto esta e outras questões não forem esclarecidas, as alunas surdas terão sua corporeidade formatada no corpo do outro, sem (re)significação, sem sentimento e por que não dizer sem comprometimento enquanto ser humano e sujeito social.

Deve-se observar os alunos como sendo corpos. Corpos que trazem uma produção histórica e que em cada situação de movimento têm intencionalidade e significado. Assim, a EF necessita trabalhar o corpo/corporeidade, buscando a compreensão de corpo com os corpos ouvintes e corpos surdos, valendo-se de que o aluno não descobre e não desenvolve experiências sozinhas, mas com o outro na sua totalidade (KUNZ, 1994). Há a necessidade de participação do professor, dos colegas e o querer participar do sujeito surdo para superar barreiras do medo, da insegurança e da falta de algumas habilidades do se-movimentar em toda sua amplitude e significação. Então, o professor precisa valer-se de estratégias didáticas e de comunicação para as interações dos alunos, o trabalho coletivo e que o mesmo contribua para a formação corpórea dos alunos enquanto sujeitos sociais.

A corporeidade das alunas no transcorrer da pesquisa, suas manifestações corpóreas se diferenciam, dependendo em cada caso das relações que conseguiram consolidar ou não com os corpos ouvintes, como os corpos surdos, ou consigo mesmas. Há a necessidade de estarem inclusas em um sistema que as influencia e em que elas também exercem influência. Assim como todos os sujeitos sociais, as alunas surdas constroem sua história corporal, que não é melhor ou pior que as demais, mas sim diferente.

Por outro lado, este trabalho confirma resultados de outros autores, ao deixar claro que a comunicação de muitos familiares e profissionais com os surdos ainda é deficitária. O que pode levar as desinformações sobre assuntos na construção de valores e na elaboração subjetiva de conceitos que influenciam no desenvolvimento do sujeito surdo. Outro fator que apareceu foi o dos pais pela busca da cura destes corpos que eles consideram doentes, ou até o isolamento destes por não terem se reabilitado e se tornado iguais ao modelo ouvinte.

Visando a responder a questão da pesquisa e os objetivos propostos, analisando a elaboração da corporeidade percebeu-se que a ideia discutida está permeada de subjetividade, que faz parte das manifestações corpóreas. Manifestações essas que ocorrem em qualquer meio em que o homem esteja inserido, às vezes de forma inconsciente, reprimida, outras condicionadas, domesticada e



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

poucas vezes reflexiva.

As alunas mostraram-se em sua totalidade corpórea através do movimento que para elas, além de linguagem corporal, é língua. Refletindo teoricamente a respeito da corporeidade, é possível esboçar que a corporeidade é expressividade, é presença, é fala, é linguagem corporal, é movimento humano, é subjetividade, a corporeidade que é comunicação, pode ser caracterizada como a arte de viver, pois o corpo é vida.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M.S.F. (1991). **A interação social e o desenvolvimento de relações interpessoais do deficiente em ambiente integrado**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BASTOS, L.A.M. **Corpo e subjetividade na Medicina**. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ,2006.

BASTOS, João Renato e BRITO, Marcelo de. **Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo**. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.18, n.3, p.263-72, jul./set. 2004.

BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL (FCEE). 2004. Disponível em: <http://www.sc.gov.br/webfcee/>. Acesso em: 12/12/2005.

GONÇALVES, M.A.S **Sentir, pensar, agir - corporeidade e educação**. Campinas. Papirus, 1994.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí(RS): UNIJUÍ, 1994.

LORENZINI, Nydia Mara Pinheiro. **Aquisição de um conceito científico por alunos surdos de classes regulares do ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado, 2004.UFSC. Programa de Pós Graduação Científica e Tecnológica.Florianópolis: UFSC,2004.

MARTINS C, Antonio; FERRONATO, M.S. Simões, A. MURANTE, V., COSTA, F. & KOLLER S.H. (2001). Grupo Focal: Método qualitativo de pesquisa com adolescentes em situação de risco. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, 53(2), 38-53.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Merleau-Ponty: o filósofo, o corpo e o mundo de toda a gente!** Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Departamento de Educação Física. Apresentação Oral. Acesso www.cbce.org.br/cd/resumos/129.pdf. 2007.

PALMA, Luciana. E. **Comunicação: fundamento para a mediação pedagógica em educação física para alunos com necessidades educacionais especiais**. Tese, 2004. Curso de pós-graduação em Ciências do Movimento Humano. Santa Maria(RS): UFSM, 2004.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

OLIVEIRA, F. F. Dialogando sobre Educação, Educação Física e inclusão. **Revista Digital - Buenos Aires** - ano 8, n.º 51, ago. 2002. Disponível em:
<<http://www.efdesporte.com/efd51/educa.htm>> Acesso em: 6 dez. 2003.

PORTO, Eliane. **A corporeidade do cego: novos olhares**. Piracicaba/São Paulo: Editora UNIMEP/Memnon, 2005.

SILVA, Maria Júlia Paes da; BRASIL, Virginia Visconde; QUATRINI Heloísa Cristina; GUIMARÃES, Carvalho Passos; SANONITTI, Beatriz Helena Ramos de Almeida. Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. **Rev. latino-am. Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 8, n. 4, p. 52-58, ago. 2000.

SILVA. Tomaz Tadeu da. A política e a epistemologia do corpo normalizado. **Revista Espaço**. n.º. 16, julho/dezembro. p. 3-15. Rio de Janeiro: INES, 2001.

SOTER. **Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. Corporeidade e Teologia**. São Paulo: Paulinas, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. As idades do corpo: (material) idades, divers(idades), corporal(idades), (ident)idades In: GARCIA, Regina Leite (org). **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Endereço:

Rua Atilio Fontana, 594 E – EFAPI – Chapecó

Email: jkl@unochapeco.edu.br